

# **Letramento acadêmico matemático dos estudantes cotistas e sua relação com o *habitus***

## **Mathematical Academic Literacy of the Students and their Relations with the Habitus**

**Renata Andrade de Lima e Souza**

Universidade Federal Rural de Pernambuco  
natadelima@yahoo.com.br

**Jaqueline Moll**

Universidade Federal Rio Grande do Sul  
jaquelinemoll@gmail.com

**Fábio Bezerra de Andrade**

Universidade Federal Rural de Pernambuco  
fabiobandrade@yahoo.com.br

### **Resumo**

O presente artigo objetiva investigar a relação entre letramento matemático e o *habitus* dos estudantes cotistas, no que diz respeito à produção de sentidos em sua trajetória escolar até a academia. A metodologia é de caráter qualitativo, a partir da realização de entrevistas com nove estudantes cotistas do primeiro semestre de 2018. Os resultados apontam para a necessidade de dar sentido aos signos e símbolos matemáticos no contexto das práticas sociais, para que a universidade construa um letramento acadêmico matemático ideológico.

**Palavras chave:** Letramento matemático, *Habitus*, Cotas.

### **Abstract**

The present article aims to investigate the relation between mathematical literacy and the habitus of the cotatist students, in what concerns the production of meanings in their school trajectory to the academy. The methodology is qualitative with interviews with nine students of the first half of 2018. The results point to the need to give meaning to the signs and mathematical symbols in the context of social practices, so that the university builds a literacy academic mathematical ideology.

**Key words:** Mathematical Literacy, Habitus, Quota.

### **Introdução**

A implantação da política de cotas representa uma resposta a anos de exclusão de grupos minoritários que estavam distantes do sonho acadêmico por não pertencerem à classe que sempre teve acesso ao sistema educacional de qualidade.

A política de cotas para o ensino superior significa repensar a universidade pública, uma vez que interfere na desigualdade estrutural do sistema de ensino público superior.

O sistema educacional reproduz e se mantém como um espaço de distinção dos que detêm um capital cultural e, por isso, são herdeiros legítimos do sistema, afirma Faria et.al. (2015). Dessa forma, qualquer política que tente reparar ou democratizar as instituições públicas enfrentará resistência das elites brasileiras, que não pretendem ceder seus privilégios.

Instituir a política de cotas é democratizar o acesso ao ensino superior, a partir da viabilização do ingresso de estudantes oriundos de grupos sociais não privilegiados.

Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é analisar como o letramento dos estudantes cotistas é influenciado pelo seu *habitus*, considerando que, mesmo sendo assegurado à criança o acesso à educação básica, nem sempre lhe é garantida uma igualdade de aprendizado, o que dificulta o percurso dos estudantes que dependem do ensino público.

Este trabalho é parte de pesquisa de doutorado que estuda o *habitus* dos estudantes cotistas e sua relação com os desafios encontrados para o letramento na universidade. Aqui desenvolvemos pesquisa exploratória sobre o letramento matemático dos estudantes que ingressaram por intermédio das cotas na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), nos dois cursos mais concorridos em 2018: Ciência da Computação e Medicina Veterinária. Realizamos entrevistas com 09 estudantes cotistas no 1º semestre de 2018.

### **O letramento acadêmico matemático**

Apesar de serem processos indissociáveis, a alfabetização é pensada como a aquisição do sistema convencional de escrita, como afirma Soares (2004); já por letramento, entende-se o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso e sentido na leitura e escrita em práticas sociais.

O letramento, entendido como prática social, situa-se nos Novos Estudos de Letramento<sup>1</sup>, que o concebem não como mera habilidade técnica ou neutra, mas o vincula com o contexto social e cultural no qual o indivíduo está inserido, bem como os significados atribuídos à leitura como frutos das relações de poder (STREET, 2013).

Quando tratamos de universidade, Lea e Street (2014) concebem o letramento acadêmico enraizado em relações de poder e autoridade conferidas às estruturas desse campo, e que produzem sentido e identidade às práticas de letramento.

Para os autores, os estudantes que pertencem a minorias linguísticas poderão enfrentar dificuldades em grau mais acentuado do que outros ao se depararem com uma tradição letrada hegemônica da academia, que não considera as experiências prévias de letramento.

Street (2013) também aponta dois modelos de letramento: o autônomo e o ideológico. O primeiro é aquele que se dá pela decodificação e independe dos fatores contextuais nos quais ele é produzido, sendo o sucesso e o fracasso do indivíduo de sua responsabilidade.

---

<sup>1</sup> New Literacy Studies (NLS) representam uma nova tradição, não enfocando o letramento como um conjunto de habilidades, mas sim sobre pensar em letramento como uma prática social (STREET, 1984).

Já o ideológico apresenta perspectiva mais emancipatória, com ênfase na importância da socialização e construção de significados, indo muito além dos conhecimentos dos códigos linguísticos, mas como produção de sentidos por meio da linguagem em contextos sociais e culturais.

Na academia, o modelo de letramento autônomo pode ser encontrado com mais frequência, pois, nele, é de inteira responsabilidade do estudante desenvolver competências cognitivas, desconsiderando a contextualização das capacidades já desenvolvidas em séries anteriores, ou seja, sua condição letrada, afirma Street (2013).

Assim, entendemos o letramento matemático como alternativa à superação do modelo de ensino que visa à repetição e à memorização, numa perspectiva de fazer uso e dar sentido aos códigos numéricos na vida cotidiana.

Compreender matemática é transcender a simples codificação e decodificação dos símbolos matemáticos, é promover a compreensão e leitura do mundo a partir da função social da matemática, ressaltam Silva et al (2016).

Quando não se pensa a matemática como prática social, como objeto cultural, histórico, social, ao qual os sujeitos desenvolvem esquemas cognitivos para compreendê-lo, o sistema escolar irá tratar de modo igual os que são diferentes e privilegiará aqueles que já são privilegiados por sua bagagem familiar (SILVA et. al., 2016).

Segundo Juchum (2016), a entrada de grupos minoritários nas universidades evidencia práticas acadêmicas de letramento prestigiadas e consolidadas que não são de conhecimento desses grupos e portanto, a universidade encontra-se num processo de ressignificação com a implementação da política de cotas, e ressignificar o letramento constitui um ponto de negociação das práticas letradas que está diretamente relacionado com as identidades que hoje as frequentam.

### **O letramento e a relação com o *habitus***

Tomando os Novos Estudos de Letramento como contribuição para nossa análise, entendemos que as influências culturais, sociais e econômicas vão interferir no processo de letramento, o que Street (2013) chama de letramentos múltiplos, que vão variar de comunidade para comunidade, de um campo para outro.

Goulart (2006) afirma que as famílias com hábitos de escrita e leitura possibilitam a suas crianças um reconhecimento das funções sociais da língua, o que pode não ocorrer com as oriundas de famílias que não possuem esse hábito, sendo na escola o primeiro contato com as práticas de letramento.

Moll (2011) contribui ao afirmar que a aquisição da linguagem se inicia antes mesmo da entrada da criança no ambiente escolar e, se o uso dela já faz parte do seu contexto social, a criança certamente irá compreendê-la e se apropriar dela. Porém, se ela vier de ambiente que não faz uso, precisará fazer, na escola, o caminho que o outro vem fazendo desde o nascimento, e a escola precisa considerar o ponto de partida em que ela se encontra no momento do ingresso.

Nessa perspectiva, encontramos a centralidade do *habitus* no processo de letramento, por ser a partir dele que o indivíduo reproduz os padrões de sua ação, sejam eles motores, conceituais, verbais ou perceptivos, que vão sendo incorporados desde a infância, sob influência familiar e social do grupo do qual faz parte.

Assim, entende Silva (2014, p. 41), a ideia de *habitus* “atende à concepção de que as condutas e os comportamentos associados à prática de letramento escolar são produtos tanto de estruturas sociais herdadas, quanto da opção consciente dos sujeitos”.

O *habitus* é um sistema de disposições incorporadas que organizam a forma pelo qual o indivíduo percebe e reage ao mundo social. Ele traduz o estilo de vida, os julgamentos políticos, morais e estéticos, além de permitir criar ou desenvolver estratégias individuais ou coletivas dentro de um campo (BOURDIEU, 1989).

Na concepção de Bourdieu (2008), o processo de formação do indivíduo é produto da acumulação do capital cultural herdado da família. Assim, o capital cultural pode determinar o fracasso ou o sucesso escolar.

Para Moll (2011), quando o sujeito convive com atos de leitura e escrita, o processo de assimilação pode ser desencadeado, pois o aprendizado da língua e suas funções sociais estão fortemente vinculados a interações entre ela mesma e os sujeitos. Isso ocorre também no processo de aquisição matemática.

O sentido da matemática pode ou não fazer parte do *habitus* do estudante cotista; isso dependerá também de sua trajetória escolar, que, muitas vezes, é marcada pela ausência ou precariedade do ensino de exatas, fazendo com que o estudante tenha dificuldade em matemática ou de dar sentido a ela, tanto dentro como fora da escola/universidade.

### **O caminho do letramento matemático até a academia**

Os processos de leitura e escrita exigem, cada vez mais, uma formação crítica, no sentido de dominar, de maneira eficaz, as práticas sociais de uso da matemática presentes em nossa sociedade (SILVA, 2014).

Essa formação crítica recebe influência do capital acumulado tanto na família como na escola, e levam à compreensão de que o sucesso e o fracasso escolar devem ser analisados sob a perspectiva imbricada entre a linguagem e a cultura, sendo a família a base constituidora desse capital.

Os indivíduos, afirma Silva (2014), aprendem a pensar, a fazer e a agir de determinada forma por aprenderem ser essa a forma aceitável e adequada, por se constituir de verdade na família, na escola e entre as pessoas com as quais convivem.

Os estudantes trazem histórias de superação, e conhecê-las é parte da compreensão da política de cotas. Dos 14 ingressantes cotistas, 09 participaram da pesquisa. Para preservar a identidade dos entrevistados, adotou-se a denominação E1, E2, E3 e assim por diante.

Nas entrevistas, identificamos que, apesar de serem oriundos de escola pública, 07 estudaram em Escolas de Referência do Estado de Pernambuco, 01 no Instituto Federal e 01 no Colégio Militar, o que nos permite afirmar que eles já passaram por uma seleção dentro do campo escolar, e podem ser os **melhores** do ensino público.

A pesquisa revelou que o investimento na educação é algo fortemente marcado nas famílias, maiores incentivadoras. Muitas vezes, esses são os primeiros da família ou do grupo social a ingressarem numa universidade.

Assim, como afirma Bourdieu (2008), o *habitus* tem como seu primeiro constituidor a família, e a entrada numa universidade pode representar uma ruptura com o **destino certo** oferecido aos excluídos, aos não herdeiros do sistema educacional. Para ratificar essa afirmação, observamos o seguinte depoimento:

meus pais não terminaram o ensino médio.. Meu pai estudou até a quarta série e minha mãe terminou a oitava série. Eles (os pais) sempre me incentivaram a estudar e disseram que, se eu quisesse vir morar em Recife podia ficar com minha vó que eles iam fazer o possível para me manter aqui. (E1)

Dos que eu estudei, poucos entraram numa faculdade. Os que entraram, entraram na particular. Meus pais sempre me incentivaram, desde pequeno; era o sonho da minha mãe (E2).

Quando questionados sobre as principais dificuldades para o ingresso e permanência na universidade, percebemos a dificuldade que todos tiveram que enfrentar na área de exatas no seu percurso escolar e que isso tem forte impacto na sua vida acadêmica:

Eu fiz o Enem nos três anos do ensino médio. A experiência, nos primeiros anos, não foi muito boa. Eu tive um pouco de dificuldade, principalmente na área de exatas, porque, no primeiro ano, eu não tive professor de matemática, digamos assim (risos); até tive, mas o cara se recusava a ensinar (risos), tinha um jeito incrível (E1).

A fala do estudante revela uma realidade em algumas escolas públicas, o que dificulta o aprendizado e não oportuniza aos estudantes uma formação que o possibilite disputar uma vaga na universidade com igualdade aos oriundos de escolas privadas.

Cálculo e álgebra eu tenho pouca base do ensino médio. Aí é o que tá me dificultando agora (E9).

Teve uma falha que me atrapalhou bastante em cálculo e outras matérias que precisavam de base escolar, que alguns assuntos que os professores não quiseram dar, optaram por não dar porque não caía no Enem ou algo assim...aí atrapalhou um pouco (E3).

O ensino médio, eu posso dizer que é como se nunca tivesse existido! Eu tava no ambiente, mas não tinha realmente uma função pra estar no ambiente. Você acaba pegando trauma. Eu odeio química, eu acho uma matéria interessante, mas eu odeio estudar química, porque eu tenho memória de ensino médio, quando eu pego química eu não consigo aprender já por questão dessas coisas. Assim, matemática, química, física é coisa que eu não pego de jeito nenhum, porque já foi defasado e não me despertou interesse, entende? (E5).

Identificamos que todos tiveram a necessidade de cursar um pré-vestibular para garantir o acesso à educação superior. Apesar de não ser uma situação exclusiva dos estudantes que ingressam por intermédio das cotas, as entrevistas revelaram que o cursinho não foi uma possibilidade de aprender algo a mais ou dirimir possíveis dúvidas, comuns aos jovens no ensino médio que tentam vaga nas universidades públicas. Mas, para eles, foi a possibilidade de aprender aquilo que não foi ensinado no ensino médio, como se o ensino médio “nunca tivesse existido”.

O ensino médio não me deu uma base boa, não, o público, né? Estudei mesmo e, um ano lá, foi melhor que meu ensino médio todinho. Aí eu tirei uma nota boa no SisU, no Enem, tirei acima de 900 na redação, um orgulho, e pra entrar aqui, na faculdade, eu me sinto na média de pessoas que tiveram em colégio particular, mas não pelo meu ensino médio, mas mais pelo meu cursinho. Adquiri muita informação mesmo, eu vivia no cursinho, foi quase um ano, porque o cursinho não é um ano todo, é até o Enem (E4).

No último ano, minha mãe pagou um cursinho, eu fiz o cursinho e estudei bastante. Eu achei que não ia passar, mas passei e fiquei muito feliz!

Basicamente foi isso, eu tive que estudar um bocadinho extra para poder entrar aqui (E6).

No que tange ao letramento acadêmico matemático, ainda se perpetua o letramento autônomo, aquele ao qual Street (2013) define como neutro e sem sentido às práticas sociais:

Não sei pra que cálculo, tanta exigência se nem vou usar! (E3).

O professor de cálculo liberou hoje para estudarmos. A prova é amanhã. Sinceramente estudo só pra passar, não posso ficar com pendência, isso vai atrasar meu curso (E8).

Até gosto de matemática, mas não sei como ela vai me ajudar, não da forma como está sendo dada. Não vejo sentido (E6).

Trabalhar o letramento acadêmico matemático na perspectiva ideológica não é tarefa fácil, pois, para isso, é necessário repensar as práticas da academia.

A entrada desses estudantes na universidade revela não só uma ruptura da história individual, mas pode representar uma mudança na lógica social, que é, conforme afirma Bourdieu (1999), organizada para fixar um consenso e legitimar o regime de dominação. Esse pensamento, aplicado ao sistema acadêmico que sempre predominou no Brasil, fez com que a exclusão de grande parte da sociedade do ensino superior fosse vista como natural, como fenômeno que poderia ser explicado pela visão meritocrática de mundo.

### Considerações finais

Analisar a política de cotas e o contexto em que ela está inserida, bem como os conceitos de letramento e *habitus* conjugados com a análise dos dados, permite-nos apontar algumas considerações. Primeiro, identificar que os pesquisados já são os **diferentes** da escola pública, pois já passaram por outros meios de seleção para ingresso no ensino médio, e que a família é a principal incentivadora da sua trajetória escolar.

Segundo, ao pensar o letramento matemático no campo da academia, propomos uma resignificação no sentido do seu uso no contexto social do indivíduo, e não mais como apenas uma transferência de conhecimento a partir da aquisição dos signos e símbolos, e assim, incitar análises do letramento acadêmico matemático.

Pensar a matemática como prática social, respeitando o conhecimento prévio dos estudantes, o seu ponto de partida, é garantir igualdade de oportunidades àqueles que são hoje as novas vozes da universidade.

Nessa perspectiva, o conceito de *habitus* nos possibilitou investigar como ele influencia o letramento, a partir da ideia de que o indivíduo tem bagagem, que ele é produto de estruturas sociais herdadas numa ação dialética com o campo.

Assim, como afirma Silva (2014), os que estão mais bem preparados são aqueles a quem o letramento é beneficiado pelas bases e princípios do capital adquirido nos hábitos e na linguagem e que se manifesta na forma do *habitus*, favorecendo os que, por seu contexto cultural, já possuem familiaridade com as regras do campo.

Destarte, aos estudantes cotistas, a incorporação do *habitus* no campo acadêmico produzirá um efeito social, na matriz da estrutura da sociedade, mas, para isso, será palco de disputa nas bases que sustentam o letramento acadêmico matemático que se fundamenta, principalmente, na desigualdade de oportunidades daqueles considerados como herdeiros legítimos, ou seja, dos oriundos das classes dominantes, que sempre tiveram acesso à educação de qualidade.

## Referências

- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel. 1989.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2008.
- FARIA, I.P. SANTOS, G.G. MENDES, J.A.S.R. Política de cotas para ingressos em instituições federais de ensino superior: um estudo interdisciplinar da Lei n. 12.711/2012. **Diálogo**. UnilSalle. Canoas. 2015.
- GOULART, C. Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica de um estudo. **Revista Brasileira de Educação**. 2006.
- JUCHUM, M. **Letramentos Acadêmicos: projetos de trabalho na universidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. 170 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- LEA, M. R.; STREET, B. V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Tradução F. Komesu e A. Fischer. **Revista Filologia e Língua Portuguesa**, São Paulo, USP, v. 16, n. 2, p. 477-493, 2014.
- MOLL, J. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender**. Mediação. Porto Alegre, 2011.
- SILVA, A.F. MARANGONI, A.M. FURLAN, D.F. CARBONI, B. R. A alfabetização matemática sob a perspectiva do letramento nos primeiros anos do ensino fundamental. **IV Encontro de Educação Matemática nos Anos Iniciais e III Colóquio de Práticas Letradas**. São Carlos: 2016.
- SILVA, J. Q. **Dos hábitos aos *habitus*: a (re)produção de sentidos no letramento escolar**. João Pessoa: UFPB, 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba.
- SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. 2004.
- STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: CUP, 1984.
- \_\_\_\_\_. Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil. **Cad. CEDES**, Campinas 2013.